

Resenha: Thorne, Barrie. **Gender Play: girls and boys in school.** Open University Press
Buckingham, 1993.

Em seu livro **Gender Play: girls and boys in school (O jogo de gênero: meninas e meninos na escola)** a autora analisa um estudo etnográfico sobre gênero em uma escola de ensino fundamental nos Estados Unidos. Na época Barrie Thorne era professora de Sociologia e Estudos da mulher na Universidade da Califórnia em Berkeley. Apesar de não ser um livro recente ele tem sido muito referenciado quando a temática abordada debruça-se sobre as relações entre gênero e infância. Cabe enfatizar que o livro tem recebido destaque não somente pelo modo inovador com o qual a autora concebe os ‘jogos de gênero’ entre as crianças na escola, mas, também pela condução metodológica realizada na pesquisa. Barrie Thorne descreve o que observou em diferentes situações do dia a dia das crianças na escola. Como estratégia para alcançar o foco na observação ela optou por colocar o foco onde havia ‘ação’, ou seja, onde estivesse acontecendo algo; onde crianças estivessem interagindo. Durante essa observação em salas de aula e também no espaço dos parques das escolas, fazia breves notas de campo para, na sequência, utilizá-las para uma descrição densa. Outro ponto de destaque de sua pesquisa é que ao realizar a pesquisa a autora não separa os gêneros, ou seja, não se propõe a fazer sua pesquisa só com meninas ou só com meninos como se houvessem dois mundos separados pelo gênero. Para a autora, ao observar grupos de crianças separados por gênero só possibilitará evidenciar uma dimensão e uma parte das relações de gênero.

O livro é organizado em nove capítulos:

Capítulo 1 – Children and Gender. (Crianças e gênero)

Capítulo 2 – Learning from Kids. (Aprendendo com as crianças)

Capítulo 3 – Boys and girls together ... but mostly apart. (Meninos e meninas juntos...mas também separados)

Capítulo 4 – Gender separations: why and how. (Separações de gênero: por que e como.)

Capítulo 5 – Creating a sense of “opposite sides”. (A criação de um nexo de “lados opostos”.)

Capítulo 6 – Do girls and boys have different cultures? (Meninos e meninas têm culturas diferentes ?)

Capítulo 7 – Crossing the gender divide. (Menino que gosta das “brincadeiras de menina” ou menina que gosta das “brincadeiras de menino” - para além da divisão entre gêneros)

Capítulo 8 – Lip gloss and “going with”: becoming teens. (Brilho labial e “seguir a galera”: a entrada na adolescência)

Capítulo 9 – Lessons for adults. (Conversas com os adultos)

No primeiro capítulo Thorne destaca que sua opção metodológica de pesquisa desvia o foco dos indivíduos para as relações sociais. Esclarece que em seu livro ela não analisa os indivíduos, embora eles certamente apareçam como importantes, mas, ela se centra na vida em grupo – nas relações sociais, na organização e nos significados das situações sociais, nas práticas coletivas de gênero que crianças e adultos criam e recriam em suas interações diárias.

Thorne, a partir de sua pesquisa, evidenciou que as crianças se apropriam dos estereótipos de gênero que permeiam os livros, músicas, propagandas, programas de televisão e filmes. Além disso, as crianças em grupos de pares, mergulhadas em idéias culturais sobre o que é ser um menino ou uma menina também perpetuam o gênero por meio de seus jogos e interações. Ela afirma que, se os meninos e as meninas são diferentes, isto se dá, não porque nascem assim, mas porque essa diferença é, fundamentalmente, produzida dessa forma, por isso o termo ‘doing gender’ – fazendo gênero.

A autora afirma que suas observações a levam a apoiar plenamente a opinião de que o gênero é socialmente construído, pois durante muito tempo sentia-se insatisfeita com os quadros de "socialização de gênero" e "desenvolvimento de gênero" que se encontram na maioria da literatura sobre a construção social de gênero na vida das crianças. Aponta como também problemática a concepção de socialização que compreende que é função dos adultos socializarem as crianças e que à escola cabe aos professores socializarem os alunos, ou seja, nessa concepção cabe aos mais poderosos socializar os menos poderosos. A esse respeito, Thorne destaca que compreende que a questão do poder é central em todas estas relações, mas discorda dessa concepção de socialização e tem se impressionado com as

maneiras pelas quais as crianças agem, resistem, retribuem e criam estratégias de resistência, entendendo que tanto as crianças influenciam os adultos, como são influenciadas por eles.

A partir da observação das relações entre as crianças a autora traz o conceito de ‘borderwork’ (rituais de fronteira) que é uma contribuição central em seu livro. A partir de seus dados empíricos de campo, Thorne aponta que as fronteiras entre os gêneros não são fixas, mas, sim construídas e trabalhadas culturalmente, sobretudo por meio das brincadeiras como as ‘invasões’ e os ‘rituais de contaminação’.

Para Thorne o termo ‘borderwork’ ajuda a conceituar a interação entre os limites de gênero. Ela esclarece que esta noção vem da análise de Fredrik Barth em que ele conceitua as relações sociais que são mantidas através de fronteiras étnicas (por exemplo, entre os Saami ou lapões, e noruegueses). Sem diminuir o sentido de diferença cultural e étnica em seu estado dicotomizado que os participantes possuem, Barth centra-se numa perspectiva mais macro, num regime ecológico, compreendendo a existência da diversidade num regime de “sustentabilidade” mútua. Thorne enfatiza que para ela, o comportamento “face a face” entre gêneros, funcionaria de maneira similar: “[...] embora o contato, por vezes, enfraqueça e reduza um sentido ativo de diferença, os grupos podem também, por meio da interatividade com o outro, fortalecerem suas fronteiras” (THORNE, 1993, p.65).

Thorne detalha que a separação espacial de meninos e meninas constitui uma espécie de ‘borderwork’, talvez mais fortemente sentido pelas crianças que querem participar de uma atividade controlada pelo outro sexo. Quando as meninas e meninos estão juntos em uma forma descontraída e de forma integrada, jogando um jogo de handebol ou comendo e conversando em uma mesa no refeitório, o sentido de gênero como ‘borderwork’, muitas vezes se dissolve. Mas às vezes as meninas e os meninos se reúnem de forma a enfatizar suas oposições, nesse sentido os ‘borderwork’ podem ser criados através de contato, bem como por meio de “evitá-los”.

Em seu livro Thorne destaca algumas formas de como esse ‘borderwork’ pode se dar:

Contest: concurso ou competição: A autora aponta a competição como uma forma de ‘borderwork’ que é comumente usado pelos adultos e, sobretudo, pelos professores, uma vez que o gênero é uma categoria relativamente inequívoca, visível e de identidade individual, que divide a população em cerca da metade. É uma base conveniente para

resolver a divisão do grupo. Dessa forma meninas e meninos são muitas vezes instigados uns contra os outros em competições e jogos de sala de aula ou em parques. Quando as meninas e os meninos estão em equipes misturadas, o sexo pode passar despercebido como motivo da oposição, conforme observado pela autora no início de um jogo de handebol.

Chasing: ou traduzindo para o português, a **perseguição**, atividade que se caracteriza basicamente por jogos de “perseguir e fugir”, “capturar e salvar”. Na definição de Thorne estes jogos estabelecem um confronto de gêneros que afirma e acentua dramaticamente as fronteiras entre meninos e meninas. Tal constatação a autora retira da observação de diversos episódios registrados em sua pesquisa com as crianças.

Embora os padrões básicos de gênero sejam persistentes nos jogos de perseguição em todos os níveis de idade, Thorne aponta que há algumas variações por idade. Detalha que várias vezes ela percebeu que crianças mais jovens passam por um processo de indução maior nesse tipo de jogo. Ela conta que certa vez acompanhou um menino de segundo grau que ensinou uma menina de jardim de infância como seria a brincadeira de perseguição: Ele correu lentamente para trás, acenando-lhe para ela persegui-lo, então ele gritou, 'Ajuda-me, há uma menina atrás de mim'. Ela então correu atrás dele, ele olhou para trás para se certificar de que ela o estava seguindo; quando ele se certificou disso ele lentamente se virou e disse: 'Agora eu vou atrás de você'.

Ainda com relação aos jogos de perseguição, Thorne evidencia que em certas idades algumas crianças se põem a perseguir as meninas ou os meninos, enquanto que existem idades em que tanto meninas quanto meninos evitam as perseguições. Esclarece também que nessas brincadeiras as crianças, algumas vezes, podem ter uma reputação de seu interesse em perseguir o gênero oposto, como uma menina da segunda série, que foi provocada por ser uma "kisser" (“beijoqueira”).

Cooties and Other Pollution Rituals (“virus” e outras formas de contaminação): Thorne observou, em sua pesquisa, que as crianças desenvolviam um jogo caracterizado como: **rituais de contaminação** por aquilo que elas alegavam ser, vírus invisíveis. A brincadeira consistia em contaminar alguém, ou um grupo com o tal vírus invisível. Nessa brincadeira existiam também rituais que permitiam às crianças ficarem imunes, bem como rituais que possibilitavam eliminar esses vírus invisíveis. A brincadeira também assume importância no processo de delimitação de gênero. Por exemplo, em sua

pesquisa Thorne percebeu que essa brincadeira acontecia entre grupos de meninos e meninas, mas, também acontecia entre grupos apenas de meninas. Todavia nunca observou um grupo de meninos entre si “contaminando” uns aos outros pelos “cooties”.

Invasions (“invasões”): Thorne percebe certa assimetria no uso das brincadeiras entre meninas e meninas e aponta que enquanto no ritual da “contaminação” as meninas são mais “poluentes”, nas “invasões”, um tipo final de ‘borderwork’, os meninos invadem grupos de meninas e de atividades com muito mais frequência do que o inverso: “No parque das duas escolas eu vi várias vezes meninos individualmente ou em grupos perturbando deliberadamente as atividades dos grupos das meninas. Meninos atrapalhavam jogos em curso de pular corda, por exemplo, correndo por debaixo da corda girando e interrompendo o fluxo das pulantes ou colocando um pé na corda para parar o seu ímpeto”. (Thorne,1993, p. 76).

Em relação à categoria ‘borderwork’ construída a partir da observação empírica que a autora realizou, a autora faz questão de frisar que as fronteiras de gênero não são fixas, mas sim ‘trabalhadas’ culturalmente, sobretudo, por meio das brincadeiras, esclarecendo que as imagens de ‘fronteira’ podem erroneamente sugerir uma cerca/muro inflexível que dividiriam as relações sociais em duas partes. Thorne enfatiza, contudo, que não é o caso. A imagem pretende ser semelhante a uma das muitas cercas/muros muito “baixos”, que são rapidamente transponíveis e mais rapidamente desmontáveis. Na sua argumentação a autora defende que as fronteiras de gênero são episódicas e ambíguas e a noção de "borderwork" deve ser acompanhada de um termo paralelo - como a neutralização - de processos através dos quais as meninas e os meninos (e os adultos que entram em suas relações sociais), neutralizam ou prejudicam um sentido de gênero como a divisão e a oposição.

Ao final de seu livro a autora desenvolve a problemática dos, assim denominados, “meninas moleque” ou dos “maricas”; ou seja, situações em que as crianças gostam mais de brincar com crianças do outro gênero, como quando meninas gostam de participar e assumir papéis nas brincadeiras dos meninos, bem como, o inverso também, em que meninos gostam de participar das brincadeiras das meninas. Thorne afirma que cuidadosamente escolheu a palavra "crossing" para aludir ao processo através do qual um menino ou uma menina pode solicitar o acesso a grupos e atividades do outro sexo. A palavra “passing” seria inadequada porque, nas situações que observou, meninos e meninas

não pretendem ser do outro sexo, nem reivindicam uma espécie de "terceiro sexo", status encontrado em algumas outras culturas, embora, possam apresentar uma mistura de atributos estereotipados associado com várias formas de masculinidade e feminilidade. Thorne faz questão de indagar: por que chamar uma menina de menino só porque ela gosta de se vestir confortavelmente, praticar esportes, subir em árvores, entrar em aventuras, ou ter como companheiros os meninos?

Consideramos um ponto central da pesquisa de Thorne as contribuições na direção de se conhecer 'como' ocorrem as separações de gênero nas relações que as crianças estabelecem entre si. Ela não parte da separação entre meninos e meninas como "dada", mas ao contrário, inverte o foco de sua observação procurando focar exatamente as interações entre meninos e meninas, para, a partir daí, ver onde e como ocorrem as separações.

Nesse sentido as contribuições do trabalho da autora se tornam bastante elucidativas tanto para pesquisadores que durante suas pesquisas se deparam com situações de gênero vividas entre as crianças, bem como para professores que estão atuando diretamente com as crianças, pois, a reflexão realizada por Thorne fornece elementos para uma melhor compreensão dessa realidade presente nas escolas e instituições de educação infantil. Acreditamos que a perspectiva de estudo de gênero que Thorne desenvolveu nesse livro torna possível aproximarmo-nos um pouco mais daquilo que temos nos proposto fazer no âmbito dos estudos sociais da infância: estar mais perto da perspectiva das crianças, buscar apreender o modo como elas vivem suas relações sociais e suas práticas coletivas de gênero, criadas e recriadas em suas interações cotidianas.

Embora já existam, no Brasil, pesquisas que enfatizam as relações de gênero em contexto coletivo, cabe ainda um aprofundamento, e um olhar mais direcionado, tanto para as formas como as crianças vivem essas experiências, bem como, para o fato de que os modos como vivemos as relações de gênero são, social e culturalmente construídas, compreendendo que ser menina ou menino varia dentro e entre sociedades e culturas. Importante também ter em conta que o gênero é só um dos aspectos que constituem a identidade social e suas intersubjetividades de gênero - experiência de ser feminino e masculino – e que esta precisa ser pensada e analisada frente a outras categorias como idade, etnia e classe, categorias muito presentes no contexto brasileiro.